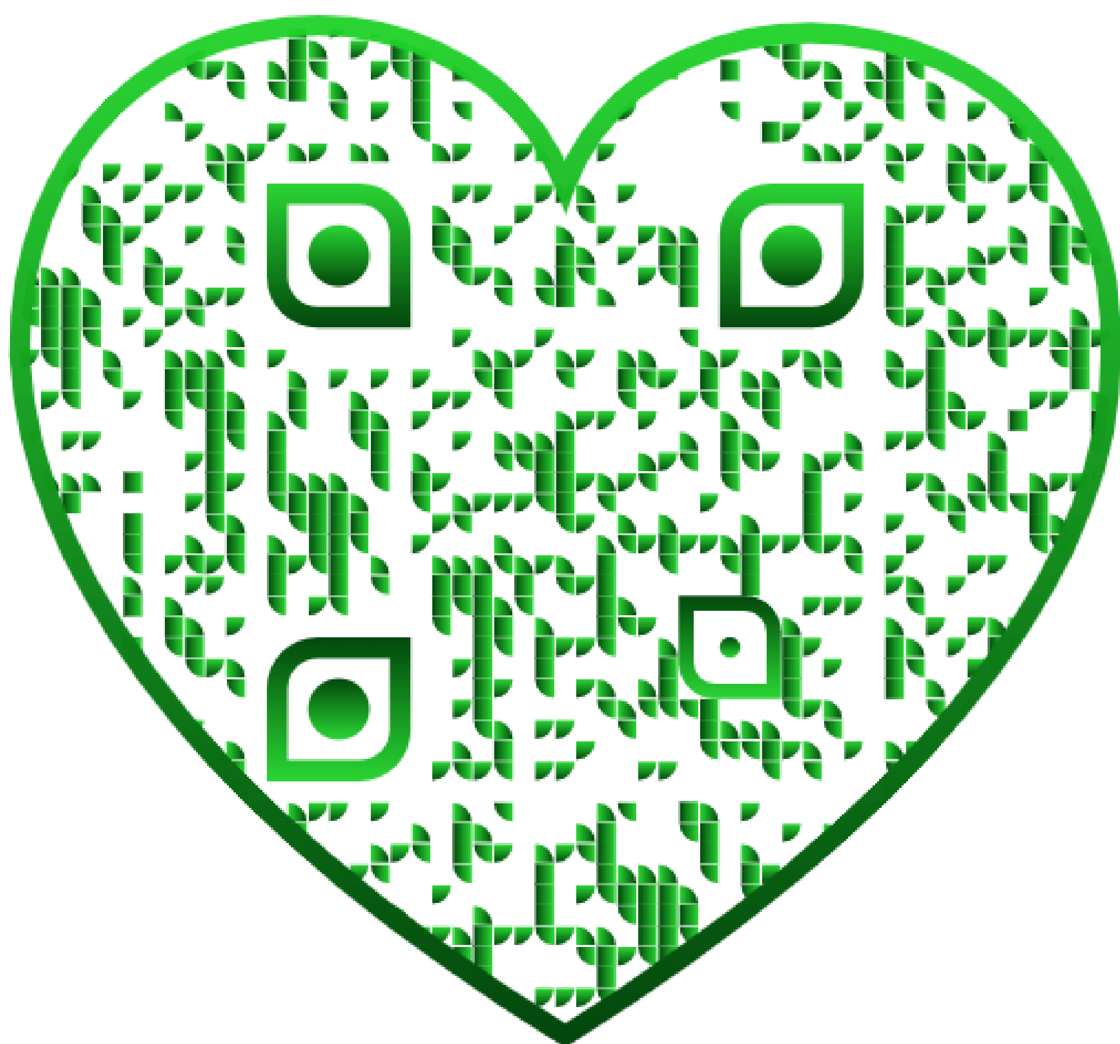
Motivos para não dizer adeus

CAROLINA MARQUÊS



MOTIVOS PARA NÃO DIZER ADEUS

CAROLINA MARQUÊS

1ª Edição
2018

Copyright ©2018 Carolina Marquês

Capa
Décio Gomes

Revisão & Diagramação
Magic Design Editorial

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra – física ou eletrônica -, sem a autorização prévia do autor.

REFLEXO

Eu decidi, vou morrer hoje. Numa bela e nublada segunda-feira. Não quero algo trágico demais, que choque a todos, só quero morrer. Uma morte indolor, se possível. O reflexo que vejo no espelho mostra exatamente como me sinto. Vazio. Sem alma. Apenas um corpo automático. Acorde. Escove os dentes. Coma. Bom dia. Vá para aula. Boa tarde. Vá para casa. Tome banho. Jante. Boa noite. Durma. Acorde...

Me sinto como um robô obrigado a obedecer às leis da vida, tentando ser normal, tentando sobreviver. Não me entenda mal, a vida não é ruim, ela só não faz sentido para mim.

Na escrivaninha do meu quarto, há dois papéis manchados – me desculpem se derramei café. É o tão famoso "bilhete suicida", você já reparou que quase todas as pessoas que se matam deixam um? Acho que é para confortar as pessoas mais próximas, sabe, para não parecermos tão egoístas.

A questão é que não sei como Valentina, minha melhor amiga, reagirá quando ler meus grandes segredos. Talvez ela não me entenda, assim como meu pai. Ah, meu pai... A parte mais difícil da morte é, de fato, magoar quem se ama.

Meu pai está no trabalho e possivelmente será o responsável por achar meu corpo. Não pense que quero isso. Sinceramente, gostaria que ninguém me achasse, mas aí ele nunca seguiria em frente. Largaria seu emprego e se sentaria em sua poltrona favorita esperando que eu entrasse pela porta e lhe abraçasse. Não posso fazer isso com ele.

Quando volto para o meu quarto, examino mais uma vez a pequena seringa. Vi em algum lugar que se você injetar ar em sua veia, você morre, o ar chega até o coração, algo assim. Uma morte limpa e, espero, indolor.

Me sento na cama e olho ao redor. Olho para meus pulsos que ainda têm algumas marcas da minha última crise, encaro todas as fotos do enorme

mural que Valentina e eu criamos. É engraçado, ela fez isso para me ajudar. "Quando estiver triste, vai olhar para todas essas fotos e lembrar-se do quanto eu o amo" ela disse.

E, realmente, olhar para as fotos faz com que eu me sinta melhor, porém não mais vivo. Amarro a borracha no braço e as veias saltam, acho que é hora de dizer adeus. A agulha em contato com minha pele me arrepia, meu polegar segura, literalmente, minha vida. Enfio a agulha facilmente e então... O celular toca, me fazendo dar um pulo alto.

— Valentina — atendo e posso sentir meu coração batendo descompassado.

— Onde você tá? — ela não espera resposta minha. — Espero que esteja no seu quarto, porque eu...

E assim, sem completar a frase, ela entra no meu quarto, me encarando com aqueles olhos enormes e castanhos. Primeiro olha para minha cara de assustado, depois para seringa enfiada em minha veia e volta a olhar para minha cara.

— O que você pensa que está fazendo? Você pode morrer, sabia? — diz pausadamente como se temesse que qualquer movimento fizesse meu dedo escorregar e causar um acidente.

Ela não dá nenhum passo e eu solto a minha risada mais irônica.

— Não seria esse o propósito?

Valentina finalmente se aproxima, sem tirar os olhos de mim.

— Tire essa agulha daí. Agora.

Eu a obedeço e me sinto estranhamente aliviado.

— Ezra — começa, mas abaixa a cabeça e quando volta a me encarar segundos depois, está chorando. — Você realmente ia fazer isso?

Balanço a cabeça positivamente.

— Por quê?

— Por tantas coisas, Val. — Suspiro. — Não é pra mim, entende?

— O que não é para você?

— A vida.

Dessa vez é Valentina quem ri.

— Voar não é para você. Respirar embaixo d'água não é para você. Mas viver é para você, sim, e não vou admitir que pense o contrário, Ezra.

— Essa escolha não é sua.

— Deixou de ser sua quando colocou essa agulha no braço. — Ela pausa. — Você não está pensando nas pessoas ao seu redor, Ezra.

Não digo nada. Nem ela. Ficamos assim por segundos, talvez minutos. Eu não contei, nem ela.

— Já pensei em me matar, sabe? — Revela Valentina subitamente, olhando nervosamente para os dedos. — Mas pensei bem. E se lá fosse pior, entende?

— Não me deixe.

Beijo o topo de sua cabeça. Ah, Valentina, se você soubesse o quanto eu quero não te deixar.

— Tive uma ideia. — Valentina se livra dos meus braços e me encara limpando algumas lágrimas. — Vou te dar motivos para viver!

— Você o quê?

— Isso! — Valentina levanta-se e bate palmas. — Eu vou te mostrar motivos para não me dizer adeus.

— E como exatamente você vai fazer isso?

A garota leva os dedos aos lábios e os deixa lá por segundos antes de dar de ombros.

— Eu ainda não sei, mas vou descobrir, certo?

— Não sei...

— Por favor, Ezra. Me dê essa chance.

Eu sei que deveria morrer. Mas vendo Valentina diante de mim, disposta a me dar motivos para viver, não consigo pensar apenas na morte. Sinto quando algo dentro de mim grita. Grita por socorro. Grita para que eu aceite. E assim eu faço.

— Tudo bem, mas se não der certo...

Não preciso terminar a frase, ela sabe o que viria a seguir. Sinto-me culpado por dar esse poder a ela, e se falhar? Ela se culparia pelo resto de sua vida? E se falhar? São tantos e se que rodeiam minha mente que começo me

sentir tonto.

— Obrigada — responde e volta a me abraçar forte. — Não vou deixar você ir embora para sempre, não sem lutar.

ESTRELAS

O teto do meu quarto é incrivelmente branco e tem exatamente sete furinhos. Eu sei porque estou contando isso repetidamente por mais de duas horas. Acordei cedo demais. Talvez seja culpa das férias, elas fazem com que me perca no tempo.

Sento na cama e balanço meus pés, me sinto uma criança fazendo isso. Quando crio a devida coragem me arrasto até o banheiro. Me obrigo a encarar o reflexo no espelho: meus cabelos, agora mais escuros, cresceram mais do que me lembrava e meus olhos, definitivamente, nunca foram tão negros.

O chão frio faz com que me sinta mais vivo e o box de vidro é lotado de frases escritas por mim. A água quente cai nas minhas costas e instantaneamente meus músculos relaxam. Fico minutos assim, como se a água pudesse lavar minha alma e levar todos os meus problemas pelo ralo.

Desligo o chuveiro e saio amarrando a toalha na cintura. O clima está neutro. A garota de grandes olhos castanhos me encara sentada na cama, mexendo na alça da bolsa de ursinhos. Valentina tem que parar de entrar no meu quarto dessa maneira e sinceramente tenho medo de onde ela aprendeu a ser tão silenciosa.

Coloco as mãos atrás da nuca e fecho os olhos. Talvez se a ignorar ela saia pelo menos para poder me trocar. Infelizmente quando os abro ela ainda me encara, dessa vez de pé com as mãos na cintura.

— Você tá atrasado.

— Atrasado? — Viro de costas e começo a pegar minhas roupas.

— É. — Ela se aproxima. — Vamos sair.

— E vem me contar só agora? — Encaro-a.

Ela simplesmente sorri e com um aceno de cabeça sai do quarto, voltando apenas para gritar:

— Você tem cinco minutos!

Arrumei uma nova mãe.

Desço as escadas com pressa, passando as mãos pelos cabelos. Quando chego na sala já consigo ouvir as risadas de meu pai. Caminho mais lentamente e paro no parapeito da porta, sem que eles percebam. Valentina está com seu vestido vermelho de bolinhas brancas, uma bota de camurça e um avental que eu tenho certeza que tem escrito "Eu amo cerveja" com a imagem de um homem barrigudo. Como de costume, ela está fazendo algo no fogão enquanto meu pai, do outro lado da mesa, ri da música que passa no rádio. Apesar das exuberantes risadas, eu consigo ver as olheiras no seu rosto, mostrando seu cansaço.

Vou até a geladeira e pego o leite, falando um "bom dia" para meu pai, que já parou de rir, e me sento na sua frente. Valentina gira nos calcanhares e coloca um prato com panquecas na mesa. Acho que ela tentou fazer as panquecas em formato uma cara feliz, mas só vejo algo deformado e bizarro: dois furos profundos e um sorriso torto me encaram do prato. Porém, não digo nada e sorrio em agradecimento. Meu pai também percebe a deformação do sorriso quando Valentina entrega sua panqueca e se senta ao seu lado, mas ele só ri.

— Obrigado, querida.

Comemos em silêncio por algum tempo, até Valentina suspirar e se virar pra mim. Seus cabelos pretos parecem mais curtos.

— Você ainda tem sua bicicleta?

Eu assinto com a boca cheia demais para falar algo.

— Vamos até a sorveteria — ela continua. — E mais tarde tenho uma surpresa.

Meu pai ri do outro lado, ele sempre achou que eu e Valentina temos um caso amoroso. Eu só termino de mastigar e engolir. Me levanto da mesa limpando as mãos na calça e recebo olhares de reprovação.

— Pai, amanhã o senhor vai estar em casa? Para vermos o jogo.

— Sim, senhor. — Ele responde fazendo uma continência e se levanta também.

Olho para Valentina. Ela se levanta tirando o avental e o coloca dentro do armário.

— Qual é a da roupa?

Olho para mim mesmo, estou usando uma blusa do Flash e uma calça preta. Dou de ombros, sem entender.

— Você não gosta do Flash — Valentina comenta. — Lembra? Você fala que ele é uma farsa, porque sempre diz na abertura "eu sou o homem vivo mais rápido do mundo" e em todo episódio aparece alguém mais rápido.

— Pensei que não lembrasse disso.

— Eu lembro de tudo. — Dessa vez é ela quem dá de ombros.

A garagem fede a mofo. Não temos um carro e ela está lotada de caixas com as roupas e coisas da mamãe que não tivemos coragem de jogar fora. E ferramentas. Lá no fundo, minha bicicleta está esquecida. Vou até ela e passo a mão tirando o máximo de poeira possível.

A bicicleta de Valentina está jogada na grama, em cima do meu gnomo preferido.

— Deveria respeitar o senhor Bigols.

— Ezra, você é péssimo com nomes. E o senhor Bigols nem notou minha bicicleta.

— Claro! Você esmagou ele.

Valentina me mostra a língua, sobe na bicicleta e rapidamente desce o morro. Faço igual a ela e com pedaladas fortes a alcanço.

Pedalamos por alguns minutos e chegamos na sorveteria mais antiga da cidade. Ela parecia ter saído de um filme dos anos 80 e as garçonetes nos atendem andando de patins.

Entro na loja e o sino toca. Me sento no lugar de sempre e peço um milk shake de chocolate.

— Onde vamos hoje?

Valentina me encara, estreitando os olhos.

— Se eu te contar não será surpresa.

O milk shake chega junto com o achocolatado de Valentina. Começamos beber e fazer o que mais gostamos desde crianças: criamos histórias para as pessoas que chegam ali.

Valentina aponta de forma discreta para um homem que havia entrado.

— Aquele ali parece um vampiro.

Ele tem ombros largos, é pálido e tem cabelos pretos que vão até sua barriga, usa uma roupa toda preta e uma bengala.

— Ainda bem que ando com minha cruz e minha estaca de madeira — brinco e Valentina sorri.

Eu amo quando ela sorri, seus olhos se fecham e uma covinha aparece do lado esquerdo da sua bochecha.

Dizem que covinhas são erros genéticos e eu os acho os melhores erros já cometidos.

• • •

Estamos sentados na arquibancada. É, invadimos a escola só para ficarmos observando o campo vazio.

— Ainda não entendi. — Dou um gole na minha Coca. — Estamos aqui para olhar a grama?

Valentina dá um soco de leve no meu ombro e em seguida olha para o relógio no pulso.

— Está na hora.

Valentina segura minha mão e me puxa. Tropeço nos degraus da arquibancada e por pouco não caio.

— Vamos com calma! — Grito enquanto tento alcançar a garota com os cabelos pretos esvoaçantes.

Atravessamos a metade do campo até que Valentina para e me encara, com os olhos brilhando.

— Se lembra? — Grita.

Demoro alguns segundos para associar, mas me lembro claramente do que ela está falando. A primeira vez que saímos sozinhos: bebemos tanto que caímos no meio do campo e ficamos lá até amanhecer, rindo, bebendo e observando o céu.

— Dessa vez estamos sóbrios.

— Não precisamos estar embriagados para sermos felizes — Ela responde e se joga na grama.

Valentina abre os braços. A encaro por um tempo e me deito ao seu lado.

— Olhe. — Ela aponta para o céu e eu sigo seu dedo.

O céu está estrelado e com uma lua cheia iluminando tudo, realmente bonito.

— Somos como as estrelas, Ezra — Valentina começa e me olha por alguns segundos. — É só dar uma chance que brilharemos.

Paro de olhar as estrelas e começo encará-la.

— Você está me assustando — Ela murmura.

— É que percebi uma coisa.

Valentina se vira para mim.

— Eu não preciso das estrelas. — Sorrio. — O brilho delas não é nada comparado ao teu.

Valentina me abraça e eu acaricio seus cabelos.

INFINITO

Estou na entrada do parque, que está lotado. Crianças e casais compram ingressos e entram com enormes sorrisos no rosto. Daqui consigo ver os brinquedos, a roda gigante rosa, várias lojas com ursinhos e desafios para ganhá-los. Um carrossel todo iluminado, carrinhos com algodão-doce são o que mais me chamam atenção.

Sinto um cutucão no ombro e me viro. Valentina cortou o cabelo, na verdade a franja. Está mais curta que uma franja deve ser no topo de sua testa. Não está feio, mas diferente. Dessa vez usa um vestido rosa com ursos de pelúcia estampado, um sapato preto, meias 3/4 e o cabelo está preso no estilo maria chiquinha.

— Seu pai sabe que está aqui?

Ela revira os olhos e me entrega o ingresso. Vamos em direção à entrada e depois de sermos revistados – nunca se sabe quem é um assassino – entramos.

Puxo-a em direção à barraquinha de algodão-doce e compramos dois enormes, ambos rosas. Ganhamos máscaras, uso a do Harry Potter e ela a da Anna do filme Frozen.

— Agora que temos comida podemos ir aos brinquedos. — Valentina está realmente animada.

Primeiro vamos em uma barraca de tiro. O objetivo é encher o balão com água mais rápido que seu oponente.

A arma de brinquedo que recebo é verde, assim como tudo parece ser nessa lojinha. Valentina está ao meu lado falando palavras de incentivo e provocando outra garota, que pediu um ursinho para o namorado que está contra mim.

Poucos metros na minha frente está a figura de um palhaço com a boca aberta, que é o alvo que devo acertar para encher o balão verde que fica em

cima da cabeça do palhaço. O dono daqui provavelmente é fã do Hulk.

Uma música infantil começa a tocar e o jogo começa. O garoto do meu lado não consegue acertar nada que não seja o olho do palhaço e a parede do lugar, como sou bom de mira encho o balão rápido e consigo ganhar uma pantera cor-de-rosa, Valentina se sente mais vitoriosa que eu.

Depois vamos para uma pescaria, que deveria para ser mais simples que o jogo de mira. Me sento em um banco enquanto peixes de mentira sobem e descem. Meu objetivo é pegar sete peixes em oito segundos, a vara tem um imã o que torna tudo mais fácil.

Perco vergonhosamente. Consigo pegar só três peixinhos, o que posso dizer? Eles são rápidos, e até recebo vaias de uma criança.

Estamos parados em frente ao carrinho de cachorro-quente. Valentina segura a pantera de pelúcia – que ganhou o nome de Estrela – em uma mão e nossas máscaras em outra, e logo as entrega para mim para pegar os dois cachorros-quentes e as duas cocas. Sentamos em um banco de madeira perto da roda gigante e do carrossel.

— O parque vai fechar daqui uma hora. — Sua boca está suja de molho de tomate. — Vamos no carrossel depois de comermos.

— Não temos idade para isso, eles não deixam. — Aponto para a placa ao lado do brinquedo. "Proibido maiores de doze anos."

A garota faz uma careta, dá mais uma mordida em seu cachorro quente e mesmo com a boca cheia torna a falar.

— Uma boa mulher tem seus bons truques.

Começo a rir de um modo um tanto quanto escandaloso. Algumas crianças apontam para mim e saem de perto. Valentina se sente ofendida, termina de mastigar o resto e sai em disparada até o homem que mexe no carrossel, a observo ainda rindo.

O homem balança a cabeça em negativa algumas vezes até que Valentina abre a bolsa e entrega dinheiro pro homem. Ela definitivamente passou dos limites, mas o mais estranho é que ele pega o dinheiro e logo em seguida ela acena pra mim. Vou de maneira lenta até o brinquedo. Valentina entrelaça seus dedos nos meus.

— Contei a ele como seria bom brincar nesse carrossel onde você me pediu em casamento.

Olho para ela e aperto sua mão.

— Ainda não me parece real que estamos quase casados.

Valentina me mostra a língua e me puxa para os cavalos que estão parados. Ela se senta em um dourado com a crina azul e eu me sento em um rosa com a crina amarela. Extravagante. O carrossel começa girar e uma música macabra toca.

— Você é louca. — Tenho que gritar um pouco para que me ouça.

— Aproveite!

Ela abre os braços e começa cantar a música. Tento lhe acompanhar, me sinto livre pelos segundos que o brinquedo roda e roda.

Descemos um pouco tontos e ainda sorrindo.

— Último brinquedo da noite. — Aponta para a roda gigante.

É bem bonita, como eu lembrava. A roda gigante é rosa por causa das luzes neons.

Várias lojas e brinquedos já estão fechando, por isso não tem mais fila. Entramos na "casinha" e começamos rodar até chegar no topo, onde ficamos parados.

Olhando para baixo conseguimos ver a cidade toda iluminada, mas a magia parece estar aqui, no parque.

— Somos tão pequenos.

— Mas cada um é gigante de uma maneira. — Completo.

Seus olhos se iluminam quando olha para mim e ela vem até meu lado, fazendo a "casinha" balançar.

— Ainda se lembra.

Assinto com a cabeça e ficamos em silêncio. É a frase que dizíamos um para o outro quando nos sentíamos insignificantes.

— Eu não vou fugir dessa vez.

Demoro uns segundos para entender.

— Tem certeza?

— Não sabemos quando o parque vai voltar, podemos perder uma oportunidade e tanto. — Dá de ombros.

Com as mãos um pouco trêmulas, seguro seu rosto e faço um carinho em sua bochecha com meu dedo indicador. Aproximo lentamente nossos lábios e selo nosso segundo beijo.

Dizem que o primeiro beijo é o mais inesquecível. Mas isso é porque não beijaram Valentina: o segundo parece melhor que o primeiro.

Como se fogos de artifício explodissem dentro de mim.

E ali, no topo de uma roda gigante, eu me senti infinito.

PONTE

Não quero levantar da cama. Hoje é um daqueles dias em que não consigo fazer nada, até mesmo a minha respiração parece fazer o oposto e me sufoca aos poucos.

Já ignorei todas as vinte e quatro ligações de Valentina: ela sabe exatamente que dia é. Há exatamente um ano minha mãe nos deixou. Ela não morreu, mas fugiu. Foi embora logo após o acidente do meu pai. Queria culpá-la, mas até mesmo isso parece difícil. É um dia doloroso e me faz pensar em por que as pessoas que dizem nos amar no fim vão embora.

A dor do abandono, sem dúvida nenhuma, é uma das piores. Todos os dias me pergunto o que fiz de errado para ela me abandonar. Poderia ter apenas se despedido, mas não, apenas me deixou na ponte principal da cidade dizendo que havia esquecido a bolsa no shopping e que precisava buscar, para eu ir pra casa e esperar por ela. Ainda a espero.

Suspiro. Deve ser a única coisa que faço.

Meu pai está batendo na porta, o que me deixa mais irritado. Me levanto e a abro. O cheiro do álcool e sua aparência me atingem quase como um tapa no rosto: sua situação é deplorável.

— O que houve?

Tento não demonstrar o quanto estou nervoso, mas minhas mãos estão fechadas e as pressiono tão forte que posso ver os nós de meus dedos esbranquiçados.

Meu pai parece me analisar e pensa antes de responder.

— Você sabe.

Recebo só isso. Uma resposta vazia, assim como o olhar que vem seguido das palavras, além do bafo de álcool.

— Uhum.

É o único som que consigo emitir, ainda seguro a porta com mais força que devo.

— Está bêbado — Digo o óbvio.

— Não é algo novo.

Dou de ombros. Sinto meus dedos se apertarem mais.

— Deve ser por isso que ela nos deixou.

Ele cerra os dentes e me olha de uma maneira estranha como se eu tivesse acabado de revelar seu segredo mais obscuro em voz alta.

— Eu sou seu pai.

A verdade é que ele se sente culpado e de certa forma ele realmente tem culpa.

— Desde quando tem tanta certeza? — Pergunto.

Dor. É só o que posso dizer sobre o soco que levo. Talvez tenha merecido, mas nada justifica uma agressão.

— Agora tenho certeza do motivo que ela foi embora.

Esbarro em meu pai quando corro em direção à rua. Preciso de ar. O da casa não é o suficiente, o da rua não é o suficiente, o do mundo não seria o suficiente.

Corro o mais rápido que posso, como se minha vida dependesse disso.

Paro apenas para recuperar o fôlego. As mãos descansam sobre meus joelhos enquanto me curvo, as pessoas me olham, mas não dizem nada. Morar em Minas Gerais é bom por isso, por mais que se preocupem nunca vão se intrometer em sua vida.

Minha cabeça dói um pouco e sinto a pele arder, mas continuo correndo até ver o asfalto dar lugar ao cascalho e à terra batida. Alguns carros passam por mim e até buzinam.

A ponte é branca e em baixo corre um riacho. Consigo ver as pedrinhas no fundo, por causa da água cristalina. Quatro pessoas já se mataram aqui. Sento-me entre as grades de proteção e fico ali balançando meus pés. Sinto a brisa passando pelo meu cabelo e secando meu suor gradativamente.

Me pergunto se não vale a pena acabar com tudo isso agora, mas penso em Valentina. Algumas promessas não devem ser quebradas e algumas

lembranças não podem ser ignoradas.

• • •

O sol se pôs há algumas horas, está totalmente escuro e só enxergo algo quando os faróis dos poucos carros me iluminam. Três mulheres e dois homens pararam para falar comigo, acharam que eu estava perdido ou que queria me matar. De certa forma não estavam errados.

Estou perdido em mim mesmo.

Quero me matar física e externamente, deixando igual sou por dentro.

Sinto que tremo um pouco e me abraço.

— A visão aqui não é tão bonita de noite.

Dou um pulo e me agarro com força na barra de proteção. Valentina está parada ao meu lado.

— Quer me matar?

Ela ri. Seus cabelos estão presos em um rabo de cavalo e ela usa antenas de joaninha. Está com pantufas do Pluto, uma calça preta rasgada e maquiagem por todo o rosto.

— Pensei que quisesse isso.

Sua voz é dura e mesmo quando sorri consigo sentir a sua tensão. Ignoro como se não tivesse ouvido.

— Como sabia que estava aqui?

— Você é previsível.

— Você detesta coisas previsíveis.

Valentina dá de ombros.

— Você sempre é minha exceção.

Pela primeira vez ela me encara. Seus olhos estão tão escuros e brilhantes que parecem ter roubado todas as estrelas do céu.

Ficamos em silêncio.

— Vem. — Valentina me estende a mão. — Tá na hora de comermos uma pizza.

Seguro em sua mão e me levanto. Passo a mão pela calça limpando um pouco da sujeira e sinto meu corpo dolorido pelo tempo que passei na mesma

posição.

— Porque está vestida assim?

— Longa história. — Começamos andar. — Eu ia sair com o Bruno, mas desisti.

Bruno. É o ex namorado dela. Eles saem de vez em quando, mas não o suporto.

— Hum.

— O que foi?

— Não gosto dele.

— Eu também não.

Rio e aperto sua mão.

— Não é o que aparenta.

— Nem tudo o que parece ser de fato é.

Entendo o recado e fico calado. Valentina é assim, curta e grossa. Doa a quem doer.

Andamos por alguns minutos, tento não demonstrar o frio que estou sentindo, mas sinto que meus dedos estão frios comparados com os dela.

A única pizzaria da cidade não está lotada, o que não é surpresa já que está tendo show de alguma banda sertaneja. O letreiro em neon laranja é um tanto escandaloso, mas admito que tem seu charme. O que posso dizer coisas estranhas me atraem.

Entramos e sentamos em um lugar no fundo. Olhamos o menu por alguns minutos até decidirmos que queremos metade calabresa, escolhida por mim, e metade frango e cheddar, escolhida por Valentina.

— Vamos levar.

Valentina diz para a garçonete, que sai sorridente. É uma mulher nova, loira e de olhos cansados.

Ergo a sobrancelha e encaro Valentina, que está se escondendo atrás do menu.

— Pensei que iríamos comer aqui.

— Só pensa coisas erradas. — Ela revira os olhos. — Minha mãe foi no show com o novo namorado dela. Comprei alguns chocolates e pensei em te

chamar pra me fazer companhia, mas você não me atendeu.

Valentina tira vários chocolates dos bolsos da blusa moletom que usa. Ela é maníaca.

— Sabe que dia é hoje.

Ela assente e volta a atenção pro menu. Sei que está me evitando, mas não digo nada, apenas a acompanho e ficamos assim até a chegada da pizza.

Me ofereço para carregar a pizza mais para me aquecer do que para ser educado.

Andamos dois quarteirões até chegar na porta da casa de Valentina, com as ruas vazias e silenciosas. Devemos ser os únicos adolescentes em casa, acho que até meu pai está no show. É uma ótima oportunidade para ele beber até não aguentar mais.

Lembrar de meu pai faz com que sinta a dor do soco. Passo a mão no rosto e sinto uma pontada, com certeza isso vai ficar roxo.

— Você não vem?

Balanço a cabeça e abro um sorriso.

Entro na casa tão conhecida por mim. De noite, as paredes recém pintadas adquirem um tom escuro, diferente do roxo que é toda manhã.

Entramos e vamos direto pro quarto de Valentina. Faz um mês que não venho aqui e parece uma década, está tudo mudado. As paredes estão pintadas de preto, há um mural com nossas fotos junto com luzinhas, um tapete felpudo bege, cama de casal e uma televisão maior.

Valentina liga a TV e coloca um filme de terror, me sento no tapete e abro a pizza. Ela vai até a cozinha e volta correndo com dois copos, Coca e dois pratos.

Sinto meu estômago roncar e pego um pedaço de pizza, enfiando-o quase todo na boca. Valentina ri e eu abro a boca com comida mastigada.

— Que nojo.

— Me beija. — Digo ainda mastigando.

Ela apenas ri e dá play no filme, a observo comer por instantes antes de dar mais uma mordida.

Valentina me surpreende quando tira o prato da minha perna e deita ali.

— Não faça mais isso, não me afaste.

É a única coisa que diz, não consigo responder e apenas faço carinho no seu cabelo com minha mão desocupada.

De fato não presto atenção nas cenas que passam na TV, só consigo pensar em como nossas atitudes afetam mais as pessoas ao nosso redor do que nós mesmos.

PONCHE

Estou sentado na calçada de casa, usando um smoking preto e gravata borboleta. Olhar para meus pés e ver esse sapato social é estranho. Culpa de Valentina, que decidiu ir a uma festa de formatura que nem nossa é.

O tempo frio e a brisa fazem com que meus cabelos e roupas fiquem úmidos.

— Como estou? — Valentina cutuca meu ombro.

Me viro para encará-la. Ela está usando um vestido preto com lantejoulas que vai até o joelho, bem marcado em sua cintura, um salto rosa e o cabelo preso em coque. Levanto e entrelaço meu braço pelo seu.

— Está linda — digo e beijo sua bochecha.

Andamos por duas quadras até chegar no salão. A lua deixa as ruas mais iluminadas e muitas pessoas parecem ir para o mesmo lugar. Depois de alguns minutos, chegamos. O lugar está todo iluminado, carros por todo lado assim como mães orgulhosas tirando foto de seus filhos, alguns sorriem e outros falam para as mães pararem de envergonhá-los. Tudo isso ao meu redor me deixa estranho, é aquele vazio que já contei aqui.

— Vamos entrar.

Valentina parece perceber e me puxa para dentro. Entregamos o convite e entramos. Não me pergunte onde ela arruma essas coisas, aliás. Aqui dentro há várias mesas com números e algumas com nomes espalhadas pelo local. Tem uma mesa de ponche e comidas do outro lado e é o primeiro lugar para onde vamos.

Algumas pessoas olham para nós de forma estranha e eu rio quando percebo que pareço um dos garçons por causa da gravata. Encho meu copo e o de Valentina e discretamente pego a vodka que está escondida no meu smoking. A despejo em nossos copos e tomo um gole.

— Ei — Valentina me belisca. — Precisamos brindar.

Garota louca.

— Au! Brindar ao que? Nem nos formamos.

— Brindaremos... — Ela pensa um pouco, os dedos batendo em seus lábios. — Ah! Brindaremos a essa incrível bebida alcoólica que nos deixará felizes por algumas horas.

Sorrio e brindamos. Damos goles longos e sinto a ardência incomum na minha garganta e, assim que olho em direção a Valentina, percebo a careta no seu rosto, semelhante à minha.

Colocamos mais ponche (e vodka) e nos sentamos na nossa mesa, bem no fundo, onde o conjunto de luzes quase alucinante não conseguia nos alcançar. Uma voz grave começa a fazer um discurso sobre como o ano letivo havia sido maravilhoso e um grupo de garotos que, deduzindo pela forma desajeitada que usam uma jaqueta amarela e azul por cima do terno, devem pertencer ao time de futebol, gritam e batem na mesa como se aquela fosse a melhor noite de suas vidas. Deixo que uma risada anasalada escape pelos meus lábios enquanto o que provavelmente deve ser o diretor anuncia os formandos, que descem elegantemente pela escada em espiral. Eles sorriem e pegam o diploma, fazendo um breve discurso e saindo em seguida. Isso se repete por minutos, tudo seguido por aplausos e mais discursos e quase consigo ver a expressão de alívio do diretor quando um e outro aluno pega o diploma sem dizer nada.

— Pensei bem e não quero mais me formar — Valentina interrompe os meus pensamentos e, mesmo sem olhar em sua direção, consigo imaginar um olhar debochado em seu rosto.

— Me deve uma dança — digo me divertindo.

— Não seja por isso.

Valentina me agarra pelo pulso e me arrasta para fora do salão de forma apressada, fazendo várias pessoas nos olharem com reprovação. Eu até concordaria com eles, mas é Valentina. O que posso fazer?

Acompanho seus passos apressados até a rua e sua corrida desengonçada até sua casa. Entramos fazendo o maior barulho possível, por garantia - sua mãe está com o novo namorado mais uma vez - e vamos até o quarto de Valentina.

Ela liga a televisão e o vídeo game, coloca Just Dance e pega o litro de vodka embaixo de sua cama. Sempre prevenida.

— Quer algo mais clássico? — Aponta para televisão.

— Acho One Direction uma ótima valsa — Respondo com uma risada.

Valentina passa a garrafa para mim e dou um gole, limpando a boca com a costas da mão. Ela se aproxima e passa as mãos pela minha nuca. A música pop começa a tocar, entrelaço meus braços por sua cintura e começamos a dançar valsa em um ritmo lento totalmente diferente da música que toca. Valentina deita a cabeça sobre meu peito e posso sentir sua respiração fazendo cosquinhas.

CACOS

Não posso explicar o que sinto. É uma dor agoniante, não física, bem pior, é dor emocional.

Daquelas que te esmagam, te derrubam e você não consegue se levantar.

Ontem, com Valentina, tudo pareceu bem, mas foi só estar sozinho para tudo voltar. Os pensamentos, a voz em minha cabeça dizendo que não sou capaz, imagens de minha mãe dando tchau.

Levanto da cama e vou ao banheiro. Na maioria das vezes não me olho no espelho, mas hoje é diferente. Me permito olhar meu reflexo.

Meus olhos estão vermelhos e inchados. Estou magro e pálido, o cabelo sem corte junto com a barba rala preenchendo o vazio do meu rosto. Sou a própria morte.

Pergunto-me quando e como cheguei a este ponto. Não sei como responder. Me perdi de uma maneira irreversível.

Dou um soco forte no espelho. Cacos de vidro se enfiam entre as juntas dos meus dedos e sinto um alívio instantâneo. A voz na minha cabeça para de gritar e agora simplesmente sorri.

Minha mão treme quando pego um pedaço retangular de vidro. O olho por alguns segundos, a luz fazendo-o brilhar como se me hipnotizasse. Encosto a superfície fria e cortante sobre meu pulso e o aperto.

Um filete de sangue escorre enquanto começo a puxar o vidro verticalmente. Queria poder dizer que sinto dor, mas a verdade é que não sinto nada além de alívio.

Entro dentro do Box e ligo o chuveiro, me encosto na parede e sento no chão. A água em contato com os cortes, agora nos dois pulsos, faz uma certa cosquinha e permito-me rir.

Penso em Valentina. Prometemos coisas que, às vezes, não somos

capazes de cumprir. E é como se cada átomo do nosso corpo se entristecesse e ali, no momento em que você quebra a promessa, você também se quebra, em pedaços tão pequenos que nunca mais poderão ficar juntos.

O sangue diminui um pouco e sinto certo cansaço, desligo o chuveiro e enrolo duas toalhas de rosto nos pulsos, pego quatro comprimidos e os engulo de uma vez só, os sentindo rasgando minha garganta.

Me jogo na cama de qualquer jeito é sinto a escuridão me alcançando.

• • •

Minha visão está turva e demora alguns segundos até que a imagem do meu pai me chacoalhando fique clara.

— O que foi? — Resmungo baixo.

Estou sem forças e sinto o lençol em baixo de mim todo ensopado.

— Ezra, levante-se! — Sua voz é urgente. — Está sangrando, meu filho.

Resmungo algo inaudível e viro para o lado. Minha mente está turva, não consigo entender nada que se passa.

Sinto quando um dos braços de meu pai passa pela minha nuca e o outro braço passa pelas minhas pernas. Ele me ergue com dificuldade e começa a ir em direção à porta. Desce as escadas quase caindo, quero me mexer e sair de seus braços, dizer que está tudo bem, mas não consigo. Sinto seu coração batendo forte contra meu corpo e sua respiração descompassada, acabo apagando novamente.

A médica coloca uma luz forte em meus olhos e é a primeira vez que sinto algo desde que chegamos: incômodo.

— Qual seu tipo de sangue? — A médica pergunta, mas não consigo responder, ela vira-se para meu pai.

— O negativo.

Abaixo os olhos e consigo ler o crachá grudado no jaleco. Dra. Cristiana.

— Ele vai precisar de pontos e de uma pequena transfusão de sangue. — Sua voz é apática. — E de um psicólogo.

Meu pai suspira. Balanço meu pés, estou sentado na maca. Dra. Cristiana vai até sua mesa, escreve algo na minha ficha e sai da sala.

— Valentina está vindo — Meu pai fala. Quero responder, mas ainda

não consigo. Sinto vergonha. — Por que fez isso, Ezra?

Não consigo encará-lo e apenas dou de ombros. Ficamos em silêncio por longos segundos, até que uma enfermeira baixinha entra na sala. Ela é sorridente e seus cabelos ruivos estão presos em um rabo de cavalo. Meu pai sai da sala, com uma expressão triste e incomodada.

— Isso vai doer um pouco. — Diz a enfermeira.

Márcia é seu nome. Ela limpa meus cortes com álcool e algodão e depois começa costurar meu pulso, ou a parte que ela consegue, cortes verticais não são fáceis de se dar ponto.

Sinto dor, mas nada forte demais. Depois de cinco minutos ela me fura. Sinto a agulha entrando no meu braço e tenho vontade de puxá-lo de volta, mas faço um esforço para ficar parado. Márcia me pede para me sentar em uma cadeira, coloca o saco de sangue pendurado e me deixa ali.

A porta se abre e meu pai entra, seguido de uma Valentina de pijamas e olhos marejados. É a pior dor do dia, ver os dois me encarando assim.

— Vou deixá-los conversar. — Ele se vira para Valentina e sai da sala novamente.

Tento encontrar seus olhos, mas ela não me encara.

— Você tinha prometido. — Sua voz é fraca, talvez mais fraca que a minha. — Droga! Não pode ao menos tentar?

— Eu tentei.

Minha voz é baixa e abafada. Valentina ri, joga a cabeça para trás e me encara, seus olhos transmitem ódio.

— Ótima maneira de tentar — Ela se aproxima da porta. — Sua última chance agora é um psicólogo. Não posso mais fazer isso comigo.

Ela sai do quarto e me deixa ali. Algumas coisas são inexplicáveis e essa é uma delas. Um coração quebrado e uma culpa totalmente sua.

Me afundo na cadeira e me sinto mais perdido que nunca.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

PSIQUE

Meu pai balança as pernas de maneira frenética. Estamos em um consultório no sul da cidade, demorou mais de uma hora para chegarmos até aqui. Valentina ainda não sabe, resolvi fazer uma surpresa.

Dizem que só dá para ajudar quem quer ser ajudado, eu discordo bastante disso, a verdade é que sempre queremos ajuda, mas não conseguimos dizer isso. Tentamos ao máximo mostrar como realmente estamos.

— Ezra Ribeiro. — Uma mulher toda de preto chama meu nome. Ela está segurando uma prancheta e tem os cabelos presos, além de um enorme sorriso no rosto.

Levanto, com as mãos suando. Não consigo olhar para meu pai diretamente.

Vou até onde a mulher toda sorridente está e passo pela porta. Há um corredor e três portas, duas são banheiro e uma, a qual entro, é o consultório. Meu pai senta em um dos bancos de couro e pega uma revista e com um aceno de cabeça me encoraja entrar. Giro a maçaneta de uma maneira lenta e inspiro o ar.

Entro e fecho a porta sem nem olhar para a psiquiatra. Primeiro analiso a sala: não é enorme, mas é de certo modo aconchegante. As paredes estão pintadas de um tom claro, suponho que seja bege, há um tapete marrom felpudo, duas cadeiras vermelhas que parecem mais uma cama, alguns quadros estão pendurados e há prateleiras com diversos livros. E no centro está meu pesadelo. Ela usa óculos quadrados, os cabelos são pintados de vermelho, assim como suas unhas enormes e pontudas. Está usando um terninho azul marinho e sorri para mim. Nunca vi uma pessoa se sentar de uma maneira tão ereta na minha vida.

— Pode se sentar — Ela diz com as mãos entrelaçadas em cima da mesa.

Seus lábios estão com um batom rosa escuro.

A obedeço e calado me sento na sua frente. Estralo todos os dedos das mãos e olho para os lados, desconfortável. As ataduras em meus pulsos parecem apertar e meus cortes começam a coçar.

— Sou a Doutora Mariana, mas podemos deixar o doutora de lado. — Seus olhos claros procuram os meus e olho para tudo, menos para ela. — É a primeira vez que vem a um psiquiatra?

Assinto com a cabeça, a mulher abre um sorriso sem mostrar os dentes.

— Então iremos com calma. — Estou olhando fixamente para o diploma pendurado na parede. — Mas preciso que fale algo ou irei deduzir que você é mudo. — Ela folheia minha ficha e sorri. — Claramente você não é, já que não consta nada aqui.

— Não sou. — Consigo responder.

Mariana coloca as mãos atrás da nuca, uma verdadeira vitoriosa.

— Qual o sentido da vida para você?

A pergunta me pega de surpresa, pela primeira vez a olho nos olhos e é como se tivesse dado o acesso que ela precisava. Não sei como responder, ninguém nunca foi tão direto com essa pergunta.

— A vida não tem sentido — digo baixo. — Quer dizer, é um monte de aleatoriedade que achamos ser capazes de encaixar e encontrar um sentido, mas no fim não tem nenhum sentido. Não tem um final feliz.

Ela parece satisfeita, tira as mãos da nuca e as coloca em cima da mesa unindo os dedos. Seu olhar parece o de um felino pronto para devorar a presa e, adivinhem, eu sou a presa.

— Como pode ter certeza que não existe final feliz se, de fato, você nunca chegou no fim?

Abaixo a cabeça e não respondo. Ela me analisa, posso sentir e é como se estivesse ne em sua frente. Ou talvez isso seria menos constrangedor.

— Não pode afirmar as coisas sem vivê-las. — Sua voz é mais alta. — As ataduras em seus pulsos são recentes, obrigaram você a vir até mim?

Quero responder que sim, que Valentina me obrigou, mas ela não está aqui e ninguém pode te obrigar a não se matar. Ou pode?

— Não.

Ela balança a cabeça de maneira positiva.

— Isso já é algo importante, mostra que quer ajuda.

Sinto-me melhor, é bom ter reconhecimento de seus atos bons.

Conversamos por mais de meia hora. Consegui me soltar mais, as perguntas ajudaram. "Qual sua cor favorita?" "Comida favorita?" "Namora?" e coisas mais banais. Por ser a primeira vez Mariana não queria me deixar mais desconfortável do que já me sentia. No final, ela me receitou Rivotril e pude sair da sala. Uma lufada de ar quente bate em meu rosto e olho pro meu pai, sentado com uma revista aberta. Ele percebe minha presença e se levanta.

— Como foi? — Pergunta quando já estamos quase saindo da clínica.

— Foi legal. — Dou de ombros.

Meu pai sorri. Entramos em silêncio no carro. Meu pai segura o volante com certa força, dá pra perceber pela marca que seus dedos fazem no couro. Ele não liga o carro e se vira para mim. Seus olhos estão marejados, mas não deixa lágrimas cair.

— Me desculpe. — Sua voz está baixa. — Depois que sua mãe... se foi, ficou difícil. Meu mundo perdeu as cores e fui egoísta ao ponto de não perceber que você também sentia tudo que senti, até mais.

Acho que estou congelado. Sabe quando algo acontece e não sabemos reagir? Esse momento é agora.

— Eu poderia ter falado.

— Seria mais fácil. — Ele dá uma risada sem humor. — Mas sou seu pai. É quase uma obrigação saber quando seu filho desaba na sua frente.

O abraço da forma mais sincera e singela que consigo. Não seguro as lágrimas e nem ele, ficamos assim por minutos.

Ele dá uma batidas leves na minha costas e enxuga os olhos, agora sorri e de forma sincera, da partida no carro e saímos da clínica.

— Vamos recomeçar, filho. — Ele acaricia meu cabelo com uma das mãos. — Recomeçar.

Balanço a cabeça de maneira positiva, recomeçar sempre é bom e estou disposto a mudar.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

TRÊS

— Não aguento mais! — Exclamo com as mãos nas têmporas. — Ela não fala comigo a mais de três meses.

Mariana ri daquela forma casual. Olho para ela, indignado.

— Talvez, — ela começa e já sei no que vai dar. — Você devesse pedir desculpas para ela, que tal?

Mariana tem olhos ferozes. Se posso dar um conselho, é: NUNCA OLHE-A NOS OLHOS. Ela pode ver sua alma.

— Ela não quer me ver.

Vamos ser sinceros, eu não sei por onde começar a pedir desculpas. Fecho os olhos mais uma vez.

— Ezra, temos que falar sobre suas recaídas.

No início eu tinha recaídas todos os dias, mas depois de tomar o remédio diminuíram para uma vez na semana. Algumas vezes vinham fortes demais, como se o mundo me esmagasse. E eu me escondia em baixo da mesa.

Meu pai contou para Mariana as incontáveis vezes que me tirou lá de baixo. Mas hoje é um dos dias bons.

Suspiro.

— Estou tentando.

Presumo que Mariana esteja assentindo. Ainda não tenho coragem para encará-la.

— Vá até Valentina hoje — ela fala.

Sinto o ar sumir de meus pulmões. Valentina é parte de mim. Como se não soubesse onde acabo e ela começa. Almas gêmeas não precisam necessariamente serem um casal.

— Tudo bem — digo tão baixo que acho que Mariana não escuta.

Me sento e balanço os pés de modo frenético. Mariana sorri, tira os óculos e me encara. Faço o mesmo e me arrependo no mesmo instante.

Ela pode ver meu medo.

— Vai dar tudo certo.

De certo modo isso me conforta, confio nela. Sorrio e levanto. Hora de ir embora.

Antes de girar a maçaneta, sinto um sorriso dominar meu rosto. Mariana ainda está sentada, totalmente ereta.

— Se ela me maltratar a culpa será integralmente sua.

— Algumas pessoas valem os riscos. — Ela pisca.

Valentina vale o risco de ser quebrado novamente.

• • •

Chuto as pedrinhas que encontro no caminho, minhas mãos estão fechadas em punho dentro dos bolsos da calça jeans escura que uso. Uma chuva fina e bastante fria cai sobre minha cabeça, me fazendo andar cabisbaixo.

Sei que estou a apenas algumas ruas da casa de Valentina e isso causa um estrago em meu estômago. Talvez, não houvesse sido uma boa ideia comer antes de vê-la.

Paro por uns segundos analisando toda a situação. "O que estou fazendo?" É a pergunta que mais repito mentalmente.

Dou passos mais apressados. Quanto mais rápido eu chegar mais rápido tudo vai acontecer, é nisso que quero acreditar.

Estou na esquina da sua casa. E Valentina está na calçada. Usa um vestido amarelo que vai até seus joelhos, com vários ursinhos marrons estampados, all-stars branco e uma capa de chuva, que apesar de transparente está cheia dos mais variados adesivos. O cabelo está maior que antes, a franjinha tampa toda sua testa. Sim, eu observo cada detalhe. Desde seu cabelo preso em um coque, com canetas o segurando no alto da cabeça, até seus pés balançando poça de água. Ela abraça a si mesma, por poucos segundos, e depois o abraça. Pedro, seu ex, está ali, em cima de sua bicicleta. Ele é o motivo pela qual ela está sorrindo.

Pedro é bonito com seus traços bem definidos e maxilar quadrado, usa

uma camiseta preta, que valoriza seu corpo atlético e sua pele dourada, a calça também é preta. Os cabelos estão cortados em um estilo militar.

Ele não desce da bicicleta, apenas a abraça, solta e volta a pedalar, seguindo pela rua. Valentina ainda sorri para ele. E, de uma forma inexplicável, aquilo deixa meu coração em pedaços.

Ela se abraça mais um pouco e o sorriso some. Estou preparado para ir embora, quero gritar. Mas antes de me virar Valentina me vê.

Nosso olhar se encontra, o mundo ao meu redor se apaga, só existe eu e ela.

Não consigo me mover. Não consigo falar. Só fico ali. Estático.

É como se eu estivesse me afogando e ela fosse o ar que pudesse me salvar.

Por segundos que mais parecem eternidades nós dois ficamos parados, e quase posso prever que ela também não está respirando.

E então Valentina começa a andar em minha direção. Estou desesperado.

Ela anda decidida e em poucos segundos está tão perto de mim que sinto sua respiração. Inalo seu cheiro. Como senti saudade. Quero me desculpar, dizer o quão idiota fui por não procurá-la. Contar todos os meus medos. Mas não digo nada.

Valentina tem uma lágrima no canto do olho esquerdo. A chuva fica mais forte, acelerando junto com meu coração, que bate tão descompassado que não me assustaria se pudessem vê-lo bater por cima da camisa.

— Senti sua falta — ela fala.

Três palavras. Apenas três palavras e sinto como se meu mundo desabasse por inteiro. A abraço do jeito mais desesperado, preciso senti-la. Apesar da chuva fria o abraço é quente. Lágrimas descem pelo meu rosto e não me importo nem um pouco.

— Me desculpe. — Digo me afogando nas minhas próprias palavras.

Valentina se afasta um pouco, odeio essa parte. Ela me olha de uma maneira tão intensa que Mariana sentiria inveja.

Prendo a respiração esperando que ela diga algo, esperando que me bata.

Mas Valentina me beija. Me pergunto como um beijo pode me dar o mundo e me tirar o chão ao mesmo tempo.

É um beijo tão desesperado quanto meu abraço e eu não quero que acabe. Nunca. É um daqueles momentos que eu gostaria de eternizar, repetir.

Seguro em sua nuca, tirando o capuz de sua cabeça, sinto o gosto da água que nos molha. A chuva está forte agora.

Tive tanto medo de te perder. Repito mentalmente, não quero separar nossos lábios.

Valentina acaricia meu rosto durante o beijo e então separa nossos lábios.

Quero mais, gostaria de gritar.

Mas estamos ofegantes demais. Abro um sorriso, pareço um tolo e realmente sou. Um tolo totalmente apaixonado pela garota mais incrível do mundo.

— Eu te amo — Valentina diz de um jeito tão sincero e poderoso.

Não sinto mais inveja de Pedro, não sinto mais vazio, não sinto mais dor. O único sentimento presente que domina todo o meu ser é o amor. E ali, novamente com três palavras, digo da maneira mais sincera do mundo.

— Eu te amo.

A beijo mais uma vez e é como se a chuva lavasse tudo de ruim e deixasse apenas o amor.

E o amor da forma mais literal éramos nós.

METÁFORA

Estou olhando para o céu há mais de uma hora. Uma lua solitária ilumina tudo ao meu redor. Sinto-me péssimo em me sentir parecido com esta lua, aliás. Tenho Valentina, meu pai e até mesmo Mari. Não estou sozinho.

A questão é que a depressão faz isso. Faz com que me sinta sozinho mesmo com várias pessoas ao meu redor. É complicado explicar isso, mas de certo modo sinto que devo. Muitas pessoas querem pedir ajuda, mas como explicar algo tão inexplicável? Resolvi que deveria fazer uma metáfora para simplificar as coisas e é isso que estou fazendo aqui, sentado na grama, que pinica minha pele de uma maneira quase irritante, entre papéis amassados e rabiscados, mordendo a ponta do lápis.

— Parece que somos só nós dois. — Olho para cima e sorrio. — Espero que esteja me escutando.

A verdade é que digo isso mais como se fosse para minha mãe do que, de fato, para a lua. Respiro fundo e suspiro antes de começar.

"A depressão pode ser comparada a um penhasco com escadas. Nós, que temos essa doença, estamos na ponta desse penhasco, em dias bons ficamos ali admirando a beleza daquele mar que está no fim da queda, pensamos o quão bom deve ser nadar ali. Mas então vem os dias ruins, algo acontece e somos empurrados lá para baixo. Nos afogamos em sentimentos, mágoas, dores e angústias, não conseguimos nos segurar nas escadas ou mesmo subir para a superfície. Somos incapazes. Então nos afogamos e ninguém pode nos tirar dali. Escutamos gritos, mas estamos fracos. Somos tão insuficientes, porquê?"

Dou uma pausa, passo a língua pelos lábios e espero uma nuvem passar pela lua antes de continuar.

"E então alguém precisa de nós ou simplesmente "acordamos" e ferozmente nadamos até a superfície. Olhamos para a escada que leva até a

ponta do penhasco e, com uma força incrível, começamos a subir. Às vezes, no meio da caminhada, algo nos atinge e voltamos ao mar. Mas em outras vezes, subimos tudo em um fôlego só e quando chegamos lá nos sentimos incríveis. Por que então não seguimos em frente? Por mais que pensem que não tentamos, estão errados. Tentamos e às vezes chegamos lá na frente, até o penhasco nos arrastar de volta e nos mostrar que ali é nosso eterno lugar."

Termino de ler e meus olhos lacrimejam. Os remédios ajudam, mas nem sempre são suficientes. Servem para dopar-me. Sento e abraço meus joelhos. Seria tão mais fácil viver em paz e harmonia sempre. Sim, seria.

• • •

— Você está bem? — A angústia na voz de Valentina me deixa mal.

— Estou indo para casa.

Estou andando há mais de uma hora, indo para todos os cantos menos para casa. Não quero encarar meu pai agora, não depois de arranhar meu braço com uma tampa de caneta.

— Onde você está? — Dá para ouvir a desconfiança na sua voz. Ela me conhece bem demais. — Vou até aí.

— Não precisa — respondo rápido demais. — Tô cansado e já estou quase chegando, amanhã te ligo.

Não dou tempo para ela responder, aperto o botão de desligar e respiro fundo. É um dia ruim e não sei se quero nadar agora. Quando me sinto assim, sem perceber me afasto de todos, prefiro assim. Antigamente quando não fazia isso era sempre pior, eu gritava, falava coisas e me arrependia depois.

A questão é que não tem como saber o melhor para quando se está assim. Os remédios ajudam um pouco, mas logo depois me sinto pior. Enquanto não encontro uma solução melhor sigo sozinho, observando tudo ao meu redor. Algumas pessoas não entendem e acabam se afastando de uma vez por todas. Foi assim que perdi todos os que diziam ser meus amigos: para eles não passava de drama, algo para chamar a atenção. Suspiro.

Se as pessoas começassem a tratar a depressão com a gravidade que ela representa, talvez muitos de nós conseguissem sobreviver.

Não estamos fazendo drama e não queremos sua atenção, mas por favor, nossa dor não é inferior, não é brincadeira.

Não desejo que ninguém se sinta como eu. Sentir-se vazio deve ser a pior sensação de todas.

REFLEXÃO

Estive pensando muito sobre como melhorar e cheguei à conclusão que para isso o primeiro passo seria perdoar a mim mesmo, me amar e focar em algo que me faça bem. Como Valentina, meu pai e música.

Pensei tanto sobre a morte. Como seria? Mas pensei também, o que eu deixaria? Más recordações? As pessoas ficariam com raiva de mim? Tristes por me ver tirar a própria vida?

São perguntas que me atormentam, que me tiram o sono.

A conclusão é que para me curar eu devo me reconhecer novamente e isso é muito mais difícil do que se pode imaginar. É difícil assumir para si que está errado, que você deve pedir desculpas por algumas ações.

Criamos uma máscara para vivermos em sociedade e praticamente nos tornamos uma grande mentira, uma geração de relações rasas e superficiais.

De quem é a culpa? De nós mesmos que aceitamos o mínimo só para não estarmos sozinhos. Sempre penso que somos pessoas mancando de uma perna e ao invés de tentarmos uma fisioterapia nós usamos muletas, essa é apenas uma metáfora em que muletas se tornam pessoas nas quais depositamos nossa felicidade. É nosso maior erro, a felicidade depende de nós.

Você já percebeu que culpamos as pessoas pelo que nos tornamos? É engraçado isso, apontamos para o erro daquela pessoa, para a dor que ela nos fez sentir e falamos "sou assim por causa do que fizeram comigo", a questão é que nós fizemos isso conosco, nós pegamos esse mal e transformamos ele em desculpa, nós nos tornamos aquilo que nos feriu.

Posso dizer que em um momento de reflexão percebi que devo perdoar a todos e a mim mesmo, por isso, mãe eu perdoo você por ter me deixado, mas peço perdão para todos pelo que me tornei.

Ainda estou de olhos fechados, o mundo parece tão melhor assim. A

evolução deve começar por dentro e ir se expandindo para fora.

Estou disposto a mudar. Sei que vão haver os dias ruins, aqueles que não conseguirei respirar ou falar, que vou querer sumir, mas para esses dias me desejo paciência e sabedoria e para os dias bons me desejo alegria.

— Ezra?! — A voz de Valentina ecoa pelo quarto.

Abro os olhos encarando o teto e lentamente me levanto e abro a porta. A garota em minha frente é linda, seus cabelos estão trançados e ela usa um vestido vermelho com sapatos da mesma cor. Abraço-a de maneira singela, de modo simples e forte, mas que significa muito para nós dois.

— Obrigado por não me abandonar — digo em seu ouvido.

— Jurei que não desistiria de você — ela responde.

É nesses momentos que sinto que podemos, sim, melhorar apesar de tudo. Somos mais fortes que imaginamos.

Limpo uma lágrima que insiste em cair e seguro a mão de Valentina, levando-a para fora daquele quarto. A vida deve ser vista do lado de fora de uma casa.

REFLEXO

Eu havia decidido, sobreviveria hoje. Numa bela e ensolarada segunda-feira. Sabe, quando estamos mal achamos que é o fim do mundo e para nós, no nosso interior, realmente é.

Mas agora, vendo meu reflexo no espelho, consigo enxergar um garoto de cabelos escuros e olhos mais escuros ainda, mas desta vez eles brilham. Estou sorrindo novamente. Hoje é um dia bom e, mesmo sabendo que minha doença mental vai me derrubar em alguns dias, agora tenho a certeza que posso e vou vencê-la.

Vou nadar quando cair do abismo. Sorrio pensando o quanto somos fortes e não percebemos.

Vou até meu quarto. Valentina está deitada de bruços na cama. Hoje ela está usando uma blusa larga laranja com o número 7 azul estampado, um short e coturnos. Os cabelos estão pintados da cor do fogo e cortados curtos, acima de sua nuca.

— Você é linda, sabia?

Deito-me ao seu lado. Ela solta o livro que está lendo e olha para mim com aqueles enormes olhos.

— Claro que sabia. — Ela sorri. — Todos caem aos meus pés.

Ergo uma sobrancelha antes de atacá-la com cosquinhas e vez ou outra dou-lhe um selinho.

O momento é interrompido quando meu pai abre a porta. Ele está usando um chapéu de pesca, botinas e uma saia verde e vermelha. Sim, uma saia.

— Se não sairmos agora perderemos o espetáculo.

Valentina e eu nos entreolhamos e corremos escada a baixo.

• • •

Estamos sentados na carroceria da caminhonete, meu pai bebe uma cerveja enquanto eu e Valentina comemos salgadinhos e chocolates de uma maneira misturada. É o ponto mais alto da cidade, que está todo iluminada. É dia de jogo e dá para se ouvir os gritos animados.

— Quase lá! — Meu pai sorri olhando o relógio.

Dou um beijo na bochecha de Valentina e abraço os dois. As duas pessoas mais importantes da minha vida estão ali, estou completo. Não sinto mais a escuridão.

Me sinto como as milhares de estrelas no céu, posso brilhar. Eu brilho.

Estou sorrindo tanto que Valentina começa a rir também e os sons da cidade são nossas próprias gargalhadas.

Gargalhamos da vida. Gargalhamos de nós mesmos.

A explosão no céu vem com inúmeras cores: verde, vermelho, amarelo, branco. Os fogos fazem um show bonito. E aí me sinto dono de mim, dono dos meus pensamentos. Já não sou mais prisioneiro da minha cabeça, não hoje pelo menos.

Olho para os dois mais uma vez antes de voltar a atenção para os fogos de artifício.

Somos gigantes. Cada um de nós.